

Apresentação

A sétima edição (vol. 4. n. 1) da DIAPHONIA, Revista dos Discentes do Curso de Filosofia da UNIOESTE, promovida pelo Grupo PET [Programa de Educação Tutorial], torna público mais um número primado pelo rigor e pela originalidade, ao marcar, consideravelmente, uma posição qualificada em termos de produtividade de pesquisa no contexto nacional da área.

Seguindo o seu formato de praxe, a Revista inicia com a edição da **Secção Entrevistas**, cujo convidado, nessa ocasião, é o **Prof. Dr. Ernildo Jacob Stein**, professor aposentado da UFGRS e da PUCRS. O Professor Stein é uma figura muito especial no que diz respeito à fundação do Grupo PET/Filosofia da UNIOESTE, pois foi o coordenador geral do projeto intitulado “A Questão Antepredicativa na Filosofia Contemporânea”, projeto esse que se desdobrou como o primeiro eixo temático de estudos do PET por dois anos sob a tutoria do professor doutor Marcos José Müller (nosso entrevistado no v. 2, n. 2/2016). Em função da abertura do Programa, Stein esteve em agosto de 1992 como primeiro Professor Visitante. Na entrevista, ele reconstitui, em linhas gerais, suas mais recentes pesquisas, notadamente, na área da Antropologia Filosófica.

A **Secção Artigos**, como é do perfil da Revista, se compõe de dez artigos, como uma contribuição resultante das pesquisas individuais e/ou coletivas de estudiosos em diferentes níveis de formação vinculados a várias instituições. O primeiro artigo, de autoria de **Maurício Alves Bezerra Júnior**, intitulado “Seria a retórica uma arte (*tekhné*)? Uma análise do *Górgias* de Platão” busca tratar uma das questões mais candentes do diálogo *Górgias*, de Platão. Trata-se de interrogar se a retórica sofisticada, que é defendida pelo personagem Górgias e seus discípulos, é de veras uma arte (*tekhnē*)? Já **Luciano S. Façanha** e **Mário Bertony R. Costa** abordam no segundo artigo “Uma apreciação dos *Ensaio sobre a Pintura* de Diderot”. O texto retrata alguns aspectos que circunscrevem a cosmovisão diderotiana da arte pictural, mostrando o filósofo francês como um autor atento à arte de sua época, às exposições nos salões, além de compreender que a composição pode ser pitoresca ou expressiva. O artigo terceiro, “A forma-linguagem utilizada por Karl R. Popper”, **Vinícius Reis Siqueira** e **Antônio Carlos Persegueiro** tematizam a noção popperiana de linguagem. Trata-se de mostrar como o filósofo demarca um limite à própria linguagem, já que essa não expressa tudo, uma vez que não tem acesso a todas as coisas. Isso só corrobora a importância da ciência como linguagem científica. No quarto artigo, “A evolução da noção de ciência ao longo do tempo”, **Bruno José do Nascimento Oliveira** situa, num breve escopo, a evolução da ciência a partir de três autores-chave: Francis Bacon, David Hume e Karl Raimund Popper. Partindo do senso comum, trata-se de mostrar que a ciência detém uma importância para o saber filosófico. Bacon e Hume prepararam esse terreno a fim de que, mais tarde, Karl Popper, por exemplo, possa elaborar um

método próprio, a saber, a falsificabilidade como critério de demarcação para o conhecimento. Diante de tais argumentos, trata-se de contextualizar a importância de uma reviravolta científica visando a mudança da procura pela verdade pela busca de falsidade de teorias. **Jair Soares de Souza** observa em “Independência: libertação da arte na dimensão estética de Herbert Marcuse” sobre a importância central que desempenha a estética na obra marcusiana. Nessa perspectiva, segundo Marcuse, a estética é componente essencial para o processo de liberdade da consciência e do comportamento dos indivíduos. É, em linguagem hegeliana, o libertar do espírito absoluto. Nessa medida, para além de certos marxistas ortodoxos, trata-se de compreender a função crítica da arte para a luta de libertação. No sexto artigo, “Introdução ao estudo da sociedade industrial avançada em Herbert Marcuse”, **Renê Ivo Silva Lima** discute o conceito marcusiano de sociedade industrial. Dentre as relações que caracterizam esse modelo social estão o aperfeiçoamento da tecnologia, o desenvolvimento de uma superprodutividade, o fornecimento de um elevado padrão de vida e o desenvolvimento de uma racionalidade tecnológica. O sétimo artigo é um trabalho inédito de **Marie Bahurel**, pesquisadora francesa que aborda a “L’expérience de la liberté comme expérience de la grâce” à luz da obra de Gabriel Marcel. O texto articula ambos os conceitos tendo como fio condutor a noção de testemunho criador que constitui, aos olhos de Marcel, o paradigma de todo ato livre. O artigo termina examinando a tese marceliana de que a liberdade constitui o mistério central do ser em função de nossa condição de seres encarnados. **Luciano Oliveira Paulo Filho** sintetiza em “Antropologia existencial no pensamento de Jean-Paul Sartre”, o princípio existencialista segundo o qual a existência precede a essência. Para isso, o autor reconstrói as noções sartriana de nada e projeto sob o fundo da facticidade e da transcendência, raiz última da liberdade. Já no nono artigo, “Para uma leitura anarquista de Michel Foucault I: Salvo Vaccaro”, **Felipe Luiz** traz para a cena de debate algumas possibilidades de uma interpretação anarquista de Michel Foucault, a partir da obra *Foucault e o anarquismo* de Salvo Vaccaro, filósofo italiano. Trata-se de problematizar uma ação política foucaultiana que passaria necessariamente por uma ética, pela constituição de algo como uma subjetividade libertária, pela recusa em deixar-se governar, debruçando-se em temáticas desinteressantes à esquerda marxista. A Seção fecha com o décimo artigo trazendo mais uma colaboração do intelectual uruguaio, prof. Dr. **Sirio Lopez Velasco**, “Nova democracia e formação humana: a proposta da educação ambiental ecomunitarista”. No artigo, Velasco reacende o debate em torno do conceito de democracia, tendo em vista, a conjuntura mais recente do Brasil e aprofunda sua original proposta de uma educação ambiental ecomunitarista, pós-capitalista.

A Seção **Escritos com Prazer** inicia com “A crítica de Górgias à ontologia nas paráfrases do *Tratado do Não-Ser*” de **Cinthia Almeida Lima**. Nele, a autora mostra as críticas tecidas por Górgias à noção parmenídica e melissina de ser, a partir das

quais o grego defende a nulidade da ontologia, pondo em xeque o critério de verdade, afirmando a impossibilidade do homem possuir uma aptidão intelectual de apreender o hipotético ser das coisas e torna a linguagem o último elemento com o qual seria possível a compressão única sobre todas as coisas, uma vez afastadas as hipóteses da noção de ser e cognição. Com base em comentadores contemporâneos, a autora afirma a importância de “ouvir” Górgias nas críticas feitas a ontologia, uma vez que ela é um “erro bem sucedido” que impede o avanço das ciência e da sabedoria. “Quem me tornei em meio à Filosofia?” é o que tenta responder o professor **José Atílio Pires da Silveira**, mediante o desafio feito a ele na oportunidade da Aula inaugural de 2018 do Curso de Filosofia da Unioeste, organizada pelo PET. A partir da problematização da questão “nos tornamos ou somos tornados?”, ao lado da clássica interrogação “quem sou?”, o autor busca pensar-se em meio à Filosofia, provocando-nos a fazer o mesmo. **Filício Mulinari** se ocupa da filosofia de “Wittgenstein e a questão em torno do tratamento da linguagem”, apresenta a influência decisiva do filósofo sobre a filosofia da linguagem do século XX, especialmente da obra *Tractatus Logico-Philosophicus* sobre o positivismo lógico e da obra *Investigações Filosóficas* a qual foi fundamental para boa parte da filosofia analítica posterior. Preocupado com o mal crônico do qual o Brasil padece atualmente, a saber, a glorificação desmedida do privado, **Evânio Márlon Guerrezi**, em “Brasil, Rancière e a separação entre o público e o privado” se propõe a problematizar as possíveis consequências deste mal no pleito eleitoral que se aproxima. Para traçar uma crítica à exaltação do privado, o autor utiliza a disputa judicial que cerca o Teatro Oficina de São Paulo e se apoia em alguns argumentos apresentados por Jacques Rancière em *O ódio à democracia* acerca da divisão entre o público e o privado, bem como em argumentos que o conduzem para os conceitos de política e democracia traçados pelo autor. **Gonzalo Aguirre** traz apontamentos acerca de algo emergente na sociedade do século XXI: o *bitcoin*, moeda não controlada por um Banco Central, produzida de forma descentralizada por milhares de computadores ao redor do mundo que, no fim das contas, acaba por inventar uma outra espécie de Banco Central, o *WebWordWide*. Como confiar em uma moeda “bítica”? Essa é uma das questões que Aguirre tenta responder em “Las aventuras de la moneda viviente: del Papel Moneda al Bitcoin: apuntes histórico-filosóficos para una genealogía del valor” e, como seu título indica, trata da própria noção de valor que sempre acompanhou qualquer tipo de moeda. Em “O que fazer?”, **Junior Cunha** cria uma personagem em desespero que quer escrever, mas não sabe sobre o que escrever; que busca o prazer de escrever movido pelo desejo de fazê-lo sem, contudo, ter um recorte do que escrever. Ainda assim, escreve...

Na atmosfera da XI Jornada de Ética e Filosofia Política do PPG-Fil da UNIOESTE que teve como tema “As mulheres e a filosofia”, a **Secção de Resenha** apresenta o livro de Marta Nunes da Costa, *Ensaio no feminino*, publicado pela Editora LibeArs este ano e lançado no mês de maio na Universidade Federal do

Mato Grosso do Sul e na UNIOESTE. A resenha foi elaborada pelas acadêmicas do Curso de Filosofia, bolsistas do PET-Filosofia, **Caroline de Paula Bueno**, **Kimberly Dinnebier Bandeca** e **Rafaela Ortiz de Salles**.

A **Secção de Tradução** traz ao público um texto clássico entre os franceses, mas inédito no Brasil. Trata-se da tradução da primeira parte, escrita em francês, do texto inacabado “La Recherche de la Vérité par la Lumière Naturelle” (“A Busca da Verdade pela Luz Natural”), de René Descartes (1596-1650). A segunda parte, escrita em latim, será publicada na 8ª edição da Revista Diaphonía, no segundo semestre de 2018 (volume 4, n.2). O projeto da tradução desse diálogo cartesiano compõe o rol de atividades previstas no triênio (2016-2018) do PET-Filosofia; implicou, primeiro, estudos básicos da língua inglesa e noções de tradução orientados pelo professor, tradutor e ex-tutor do PET **César Augusto Battisti**, que acompanhou e revisou o trabalho tradutório dos bolsistas do PET **Elvio Camilo Crestani Junior**, **Guilherme Gonçalves Ribeiro**, **Katyana Martins Weyh**, **Nilson Rodrigo da Silva**.

Isso posto, com seu sétimo número, a Revista alavanca, mais uma vez, seu espírito formador, plural e dialógico. A todos, um ótimo experimento de leitura!

Prof. Dr. Claudinei Aparecido de Freitas da Silva

Profª Drª Ester Maria Dreher Heuser

Editores